



LHM

## UM TERRITÓRIO DE RESISTÊNCIA: A ESCRITA DE MULHERES NEGRAS

Auany da Motta Rodrigues\* <sup>1</sup>

\*Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR)

e-mail: auanymottarodrigues@alunos.utfpr.edu.br

Juliana Rodrigues \*<sup>2</sup>

\* Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste)

e-mail: motta.julianarodrigues@gmail.com

**Resumo:** Este texto apresenta algumas reflexões sobre o ato de escrita como espaço de resistência das mulheres negras, também aponta o processo de subjetivação constituído pela classe dominante na literatura, e o rompimento dessa construção. Não objetiva apontar caminhos para resistir, mas mostrar aqueles já percorridos. A discussão é feita a partir de intelectuais negras, fundamentada no aporte bibliográfico, amparada por textos, legislações, teses, dissertações e obras relacionadas à temática.

**Palavras-chave:** Resistência. Escrita de mulheres. Literatura.

### A Territory of Resistance: The Writing of Black Women

**Abstract:** This text presents some reflections on the writing of black women as a tool of space and resistance, it also brings some notes on the process of subjectivation constituted by the dominant class in literature, from the colonial glimpses of what is considered literary culture, always starting from the westernized model and how these writings break with this construction. This text is not intended to point out new paths to resist, but to show those that have already been traveled and are forgotten. The discussion is based on the writing of black intellectuals, based on the bibliographical contribution, supported by texts, legislation, thesis, dissertations and works related to the theme, constituting a critical analysis of the concept accepted by literature.

**Keywords:** Resistance. The writing of women. Literature.

<sup>1</sup> Acadêmica do curso de Letras-UTFPR/Pato Branco.

<sup>2</sup> Professora da Universidade Estadual do Oeste do Paraná/campus Francisco Beltrão, Licenciada em Pedagogia e Letras/Libras. Mestre em Educação.



## Introdução

Falar sobre a escrita de mulheres negras é movimentar o conceito de resistência. A presente análise carrega uma breve discussão sobre tal temática, para propor um olhar para a literatura produzida por essas mulheres, pois, representam em todo seu bojo cultural uma minoria excluída do campo literário que busca reverter, a partir de suas escritas, este lugar. As considerações apresentadas mostram que existem outras formas de escrever a história do Brasil, sob a ótica do subalterno. Essa nova forma ganha corpus a partir da escrita de pessoas negras que se colocam como protagonistas de uma história que não foi contada.

Todos os sujeitos vão construindo suas identidades a partir das interações, relações e práticas cotidianas. A literatura, como sabemos, sempre foi um instrumento utilizado para difundir a língua, costumes, comportamentos e hábitos de uma determinada sociedade, por isso, ela também é fundamental no ensino. Tendo sua importância ao refletir na formação do indivíduo, pois caracteriza o que uma sociedade compreende por cultura, numa perspectiva de que esta é múltipla e interpretativa, considerando-se uma das concepções de cultura como aquela concebida como restrita às obras e práticas da arte, também da atividade intelectual e do entretenimento, e sobretudo, nas atividades econômicas. Conforme Botelho (2001.p. 86), “É uma produção elaborada com a intenção explícita de construir determinados sentidos e de alcançar algum tipo de público, através de meios específicos de expressão”. Assim, a cultura é vista como consumo de bens e serviços produzida e reproduzida em uma sociedade.

Durante séculos a literatura não representou de fato a realidade de toda a população brasileira e de sua diversidade. Afinal, se assim o fosse, ela repercutiria a complexidade da sociedade, mas, para isso, deveria traduzir criticamente os graves problemas que atingem o tecido social, ainda que não uniformemente. Este exercício de crítica social, mesmo na literatura, não poderia prescindir de certos pontos de inflexão. Neste caso, os sujeitos são inseridos e produzidos em determinada sociedade, com determinada cultura e conhecimento, em um binarismo do que pode ser cultura e do que não pode, do que é conhecimento e o que não é.

### *LOCALIZANDO A ESCRITA*

A produção de território na escrita literária é marcada por relações de poder. É perceptível a ligação dominante de uma cultura eurocêntrica que fomenta o conceito à



produção da superioridade com elementos que condicionam a sua existência cultural como modelo. Neste modelo, as mulheres, na totalidade, são secundárias e as mulheres negras apagadas historicamente.

O apagamento da escrita de mulheres negras não é uma questão meritocrática, que caracteriza a não capacidade de uma escrita ser considerada literatura, é, sim, antes de tudo, um epistemicídio, o apagamento intencional e sistemático de produções, de saberes, de culturas produzidas por povos considerados minorias. Entende-se aqui por epistemicídio:

Alia-se nesse processo de banimento social a exclusão das oportunidades educacionais, o principal ativo para mobilidade social no país. Nessa dinâmica, o aparelho educacional tem-se constituído, de forma quase absoluta, para os racialmente inferiorizados, como fonte de múltiplos processos de aniquilamento da capacidade cognitiva e da confiança intelectual. É fenômeno que ocorre pelo rebaixamento da autoestima que o racismo e a discriminação provocam no cotidiano escolar; pela negação aos negros da condição de sujeitos de conhecimento, por meio da desvalorização, negação ou ocultamento das contribuições do continente africano e da diáspora africana ao patrimônio cultural da humanidade; pela imposição do embranquecimento cultural e pela produção do fracasso e evasão escolar. A esse processo denominamos epistemicídio (Ribeiro, p.62, 2020).

Sendo assim, entende-se que a negação da existência de uma gama de intelectuais negros reproduz um sistema negacionista, constituído historicamente sobre o conhecimento produzido pelo povo negro. O epistemicídio é negado por quem se beneficia dele, raramente obras escritas por mulheres negras são indicadas como referência em universidades, concursos ou enquanto categorias literárias.

As pessoas negras lidam diariamente com um projeto genocida e de aniquilação de suas identidades e da própria existência, isso contribui para uma inversão de pensamento, para que a escrevivência<sup>3</sup> seja mantida longe da intelectualidade, repetidamente, ficamos com a versão de uma história única. Como aponta Ribeiro (2019, p.33) “É danoso que, numa sociedade, as pessoas não conheçam a história dos povos que a construíram”. Entre fios biográficos, a autora Chimamanda, também contribui com essa ideia

Como eu só tinha lido livros nos quais os personagens eram estrangeiros, tinha ficado convencida de que os livros, por sua natureza, precisavam ter estrangeiros e ser sobre coisas com as quais eu não podia me identificar (Adichie, 2019, p. 13).

<sup>3</sup> Conceito utilizado por Conceição Evaristo, para nomear a escrita de nós, dos sujeitos negros.



Observemos que, quando não temos representatividade, quando nossa história é negada, temos um - não- lugar que as pessoas negras (não)ocupam. Em se tratando, especificamente, de obras escrita por mulheres negras, o território ocupado se diferencia do qual ocupam as escritoras brancas, escritores homens brancos e negros, uma vez que as mulheres negras têm oportunidades menores de acesso a determinados lugares, devido à exclusão social, de gênero e de raça a que estão submetidas. Por tal motivo, torna-se tão coerente entender como, mesmo atravessadas pelo debate interseccional, elas resistem, existem e abrem passagem para outras escritoras virem tecendo suas histórias, recriando território na escrita e desterritorializando estereótipos já fixados.

A textualidade utilizada por Lélia Gonzalez, em *Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira* (1984) aponta caminhos para discutir alguns pontos importantes sobre a escrita feita por mulheres negras no Brasil.

- Cumé que a gente fica? ... Foi então que uns brancos muito legais convidaram a gente prá uma festa deles, dizendo que era prá gente também. Negócio de livro sobre a gente, a gente foi muito bem recebido e tratado com toda consideração. Chamaram até prá sentar na mesa onde eles tavam sentados, fazendo discurso bonito, dizendo que a gente era oprimido, discriminado, explorado. Eram todos gente fina, educada, viajada por esse mundo de Deus. Sabiam das coisas. E a gente foi sentar lá na mesa. Só que tava cheia de gente que não deu prá gente sentar junto com eles. Mas a gente se arrumou muito bem, procurando umas cadeiras e sentando bem atrás deles. Eles tavam tão ocupados, ensinando um monte de coisa pro crioléu da platéia, que nem repararam que se apertasse um pouco até que dava prá abrir um espaçozinho e todo mundo sentar juto na mesa. Mas a festa foi eles que fizeram, e a gente não podia bagunçar com essa de chega prá cá, chega prá lá. A gente tinha que ser educado. E era discurso e mais discurso, tudo com muito aplauso. Foi aí que a neguinha que tava sentada com a gente, deu uma de atrevida. Tinham chamado ela prá responder uma pergunta. Ela se levantou, foi lá na mesa prá falar no microfone e começou a reclamar por causa de certas coisas que tavam acontecendo na festa. Tava armada a quizumba. A negrada parecia que tava esperando por isso prá bagunçar tudo. E era um tal de falar alto, gritar, vaiar, que nem dava prá ouvir discurso nenhum. Tá na cara que os brancos ficaram brancos de raiva e com razão. Tinham chamado a gente prá festa de um livro que falava da gente e a gente se comportava daquele jeito, catimbando a discurseira deles. Onde já se viu? Se eles sabiam da gente mais do que a gente mesmo? Se tavam ali, na maior boa vontade, ensinando uma porção de coisa prá gente da gente? Teve uma hora que não deu prá agüentar aquela zoada toda da negrada ignorante e mal educada. Era demais. Foi aí que um branco enfezado partiu prá cima de um crioulo que tinha pegado no microfone prá falar contra os brancos. E a festa acabou em briga... Agora, aqui prá nós, quem teve a culpa? Aquela neguinha atrevida, ora. Se não tivesse dado com a língua nos dentes... Agora ta queimada entre os brancos. Malham ela até hoje. Também quem mandou não saber se comportar? Não é à toa que eles vivem dizendo que “preto quando não caga na entrada, caga na saída (Gonzalez, 1984, p. 223).



O povo negro tem servido tão bem como objeto de estudos, que por um longo período este lugar foi confortável e único, no entanto, sempre surge uma “neguinha atrevida” para romper com a lógica da casa grande. Vez ou outra, percebe-se que cada sujeito pode contar sua história, o processo mais difícil é saber como fazer: se o negro fala, não escutam; se grita, chamam de louco. Na contemporaneidade, o termo “mimimi” tem sido usado constantemente para subjetivar a luta e descaracterizar uma denúncia de apagamento, a ideologia da branquitude<sup>4</sup> trabalha constantemente para emudecer e invisibilizar a voz das pessoas negras.

A história destas pessoas sobreviveu pela oralidade, mas teve uma “neguinha atrevida”, com nome bem significativo, daqueles que suavizam a caminhada, Esperança Garcia<sup>5</sup>, que ousou fazer sua escrevivência no ano de 1770.

Eu sou uma escrava de Vossa Senhoria da administração do Capitão Antônio Vieira do Couto, casada. Desde que o capitão lá foi administrar que me tirou da fazenda algodões, onde vivia com o meu marido, para ser cozinheira da sua casa, ainda nela passo muito mal. A primeira é que há grandes trovoadas de pancadas em um filho meu sendo uma criança que lhe fez extrair sangue pela boca, em mim não posso explicar que sou um colchão de pancadas, tanto que cai uma vez do sobrado abaixo peiada; por misericórdia de Deus escapei. A segunda estou eu e mais minhas parceiras por confessar há três anos. E uma criança minha e duas mais por batizar. Peço a Vossa Senhoria pelo amor de Deus ponha aos olhos em mim ordinando digo mandar ao procurador que mande para a fazenda aonde me tirou para eu viver com meu marido e batizar minha filha (Motta, 1979, p.105).

Nesse período, de 1770, os negros escravizados não eram alfabetizados, no entanto, Esperança, por pertencer aos jesuítas, foi alfabetizada e batizada no catolicismo, fato marcante na carta, utilizando em forma de súplica os rituais da igreja e aprovação dos senhores brancos a partir da via religiosa. Estava ali, a primeira escrita datada, feita por uma mulher negra e escrava no Brasil, escrita que veio como tom de denúncia e desespero para falar dos maus tratos recebidos na fazenda.

<sup>4</sup> [...]a branquitude como um lugar estrutural de onde o sujeito branco vê os outros, e a si mesmo, uma posição de poder, um lugar confortável do qual se pode atribuir ao outro aquilo que não se atribui a si mesmo (Frankenberg, 1999, p. 70).

<sup>5</sup> Esperança Garcia, mulher negra escravizada, foi reconhecida como a primeira advogada piauiense, em 2017 pela OAB/PI. Em 1770, ela escreveu uma petição ao governador da Capitania em que denunciava as situações de violências pelas quais, seus filhos e suas companheiras passavam e pedia providências. Dia 06 de setembro, data de escrita da carta, foi instituído o Dia Estadual da Consciência Negra, no Piauí, em 1999. Em 2016, foi criada a Pós-graduação em Direitos Humanos em sua homenagem, em Teresina/PI.



Na época, não havia indícios de terminar a escravidão no país, e Esperança Garcia marca um momento importante ao caracterizar a primeira mulher negra e escrava a dirigir-se a alguém pela escrita.

Lélia e Esperança remontam uma discussão importante. A primeira, fala da escrita feita sobre o povo negro (mas não por suas mãos), enquanto, a outra traz o marco da escrita feita por uma mulher negra e escrava, como ato de desespero, contando sobre a sua vivência. Quando se coloca a escrita da mulher negra como objetivo principal deste artigo, é realmente essa a ideia, conhecer o caminho trilhado para um território de escrita negado historicamente, que vem instituindo um espaço de resistência.

Dentro do pensamento feminista, essa segregação também ocorreu com as mulheres que buscavam o direito ao espaço no trabalho, se deslocarmos essa luta para a mulher negra, sabe-se que ela não foi incluída porque sempre esteve à frente do trabalho, logo essa luta feminista não contemplava todas as classes e nem gêneros.

As mulheres escritoras não negras tiveram que buscar espaço em um lugar marcado pelo sistema heteropatriarcal, mas não tiveram problemas em relação às suas classes e cor; suas conquistas de espaços são louváveis, no entanto, é preciso direcionar este mesmo olhar para a mulher negra que quer escrever.

Para uma mulher negra escrever é preciso compreender que:

O território é sinônimo de apropriação, de subjetivação fechada sobre si mesma. Ele é o conjunto de projetos e representações nos quais vai desembocar, pragmaticamente, toda uma série de comportamentos, de investimentos, nos tempos e nos espaços sociais, culturais, estéticos, cognitivos (Guattari e Rolnik, 1986).

A mulher negra precisa, primeiro, desterritorializar tudo que foi construído como identidade para ela, quando o homem negro e a mulher negra escrevem, eles se apropriam de um território, que em nenhum momento da história foi seu, eles criam um espaço dentro do território de quem escrevia sobre eles, mas que agora é escrito pelo sujeito, em primeira pessoa, pois pela escrita da branquitude o negro foi somente escravo.

Quem pode escrever sobre si? Quem? Se não o sujeito da escrita. Isso é uma afirmação óbvia, no entanto, não cabe a todos os sujeitos sociais, porque o conhecimento tem raça, gênero e classe. O conhecimento está localizada geograficamente e historicamente. Mesmo com o fim da colonização, há uma continuidade das relações coloniais que afasta a mulher negra da intelectualidade.



Invisibilidade: esse é o termo que se usa dentro da perspectiva do apagamento literário, a mulher negra escreveu e escreve, todavia, sua literatura é apagada por dispositivos que reforçam o que é uma literatura. Isso porque, dentro dela há o que chamamos de Literatura maior e literatura menor, sobre esses dois conceitos entende-se:

A noção de minoria, com suas remissões musicais, literárias, linguísticas, mas também jurídicas e políticas é bastante complexa. Minoria e maioria não se opõem apenas de uma maneira quantitativa. A maioria implica uma constante, de expressão ou de conteúdo, como um metro padrão em relação ao qual ela é avaliada. Suponhamos que a constante ou metro seja homem-branco-masculino-adulto-habitante das cidades-falante de uma língua padrão-europeu-heterossexual qualquer (o Ulisses de Joyce ou de Ezra Pound). É evidente que 'o homem' tem a maioria, mesmo se é menos numeroso que os mosquitos, as crianças, as mulheres, os negros, os camponeses, os homossexuais... etc. É porque ele aparece duas vezes, uma vez na constante, uma vez na variável de onde se extrai a constante. A maioria supõe um estado de poder e de dominação, e não o contrário. Supõe o metro padrão e não o contrário (Deleuze; Guattari, 1995, p. 55).

Há um padrão do que se considera literatura, aquilo que está dentro da literatura maior, o que se opõem a estas "normas", considera-se literatura menor. "Uma literatura menor não é a de uma língua menor, mas antes a que uma minoria faz em uma língua maior" (Deleuze; Guattari, 1977, p. 25). Ao posicionar a escrita dessas mulheres como literatura menor, não significa que são obras de menor valor, mas que se contrapõem ao que a cátedra considera Literatura.

A escrita de mulheres negras passa por algumas particularidades que as caracteriza como literatura menor: a primeira característica é a desterritorialização da língua, que aparece em muitas obras, a literatura menor opõe-se à realidade, arranca a língua do território formal e tradicional, abala as imposições formais para trazer uma escrita mais coerente ao seu escritor. Neste caso, o uso da escrita, as suas textualidades nos discursos servem como ferramenta de uma luta contra-hegemônica.

[...]Não diria que a escrita é uma possibilidade de domínio. A palavra domínio, para mim, é uma experiência que não coaduna com a minha subjetividade, não venho de uma experiência de domínio de nada. Há uma escolha semântica para verbalizar as suas experiências subjetivas. Nunca experimentei nenhum campo de domínio. Sempre experimento o campo da busca, o desejo de apreensão, mas nunca qualquer apreensão me deixou à vontade para viver a experiência do domínio. Por isso, uma escolha diversa. E nessa escolha, quero aproximar a linguagem escrita o mais possível da linguagem oral. Quero a dinâmica das palavras pronunciadas no cotidiano, as que movimentam a vida e não as que dormem no dicionário. Vou ao dicionário, sim, para acordá-las e levá-las para se movimentarem no texto. E quando não as tenho disponíveis, invento, aglutino umas às outras. Mas sei também que



palavra alguma dá conta da vida. Entre o acontecimento e o dizer sobre ele, o escrever sobre ele, fica sempre um vazio[...] (Evaristo, 2020, p.37).

Sendo assim, consideram-se essas textualidades como propulsoras de um novo discurso, de uma desterritorialização de estereótipos que pretende cravar sua existência num olhar de si. A escrevivência, assume-se como literatura que coaduna existir e escrever. A literatura menor dá conta de conduzir escrita por caminhos que ainda não foram trilhados, tendo em vista a relação inseparável entre dizer, escrever e viver.

A segunda característica é a ramificação política, nas obras, essa ramificação é evidente, pois todo processo de escrita é um ato político, logo, quando as autoras destacam suas vivências, suas subjetividades, suas angústias sociais, elas estão em uma ramificação política. Nesse sentido, como o próprio Kafka (1975) reproduziu na língua alemã, as escritas de mulheres negras também nascem em um terreno minado por violência e segregação e, na qual “o caso individual é imediatamente ligado à política” e, por isso, “tudo nela adquire um valor coletivo” (Deleuze; Guattari, 1977, p. 26-27).

Assumindo um valor coletivo, a escrita dessas mulheres assume nos leva diretamente à terceira característica. Dentro das literaturas menores, tudo adquire um valor coletivo, ou seja, a obra dessas mulheres já não fala apenas por elas, e sim por um coletivo de mulheres negras, de uma sociedade em que desigualdade social compõe a lógica do existir. Uma obra que já não fala por si só, que carrega muitos outros, desde as memórias da travessia, à ancestralidade, à diáspora forçada, até a situação do negro pós-escravidão, tudo é contado de forma memorial nas narrativas. Logo, o conceito de dispositivo de Foucault (2000) é fundamental, sendo que

É um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode tecer entre estes elementos. (Foucault, 2000, p. 244).

Deste modo, é possível afirmar que esse conceito tem efeitos no processo de identidade. Assim, infere-se que se produziram mecanismos para afastar as autoras negras da visibilidade literária. Se levar como exemplo a candidatura de Conceição Evaristo à



cadeira da ABL<sup>6</sup>, é possível ver como a academia ainda tem discurso predominante do que seja literatura, ou do que serve como literatura maior. Sendo assim, a academia continua sendo representada por cinco mulheres brancas e trinta e cinco homens brancos. Os dispositivos tiveram um bom funcionamento até aqui, no sentido de manter a exclusão de determinados grupos, e a ABL continua sem nenhuma mulher negra. Haja vista toda a questão de ensino, a carência literária nos espaços escolares faz parte das relações de poderes, e é artifício para manter uma única cultura predominante e operante na sociedade.

### **Espaço interseccional na escrita**

Quem pode pensar e escrever no Brasil? Quem é reconhecido pela escrita? Como a chamada intelectualidade é atravessada pelos discursos de gênero, raça e classe?

Já há algum tempo, Conceição Evaristo vem questionando a invisibilidade teórica de mulheres negras. Em entrevista concedida à repórter Julia Dias Carneiro, em dois mil e dezoito, ela denuncia essa incoerência intelectual que muitas vezes coloca meninas de uma classe social diferenciada da dela e mais novas, com uma valorização de competência que, a ela, só foi reconhecida aos 71 anos.

Conceição, filha de uma lavadeira, nasceu em Belo Horizonte, Minas Gerais. Desde cedo teve que conciliar estudo e o trabalho de doméstica para poder concluir o curso normal, já com 25 anos, no ano de 1971. Sua trajetória de vida é marcada pela oralidade e por muitos momentos de pobreza, assim como a vida de seus personagens. Hoje, Conceição Evaristo é Doutora em Letras (Literatura Comparada) - UFF Universidade Federal Fluminense (2011). Mestre em Letras - PUC Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1996). Graduada em Letras - Universidade Federal do Rio de Janeiro (1990), e uma das principais referências como escritora da literatura brasileira e afro-brasileira, também considerada uma intelectual negra. Suas personagens denunciam as formas de abuso sofridas, trazendo profundas reflexões sobre raça e gênero. Ela utiliza o conceito de *escrevivência* para contar sobre sua trajetória como mulher negra e pobre, contribuindo para uma nova construção, para uma escrita de si e sobre o feminismo negro, revelando elementos apagados historicamente pela escrita etnocêntrica.

<sup>6</sup> Academia Brasileira de Letras.



Para que uma mulher negra faça a travessia no campo acadêmico e acesse o universo científico, e mais, que possa ser reconhecida como intelectual, ela enfrenta uma série de intersecções.

A socialização sexista inicial que ensina às negras e na verdade a maioria das mulheres que o trabalho mental tem de ser sempre secundário aos afazeres domésticos, ao cuidado dos filhos ou a um monte de outras atividades servis, tornou difícil para elas fazer do trabalho intelectual uma prioridade essencial mesmo quando suas circunstâncias sociais ofereciam de fato recompensas por essa atividade (Hooks, 1995, p. 471).

Segundo Bell Hooks (1995), os corpos femininos negros são representados de duas formas: pelo estereótipo da mãe preta e pelas representações de seus corpos como selvagens, sexuais e desqualificadas. Desta forma, a mulher negra intelectual não tem espaço nem no imaginário social. São exatamente estes estereótipos que Conceição desterritorializa em suas narrativas, contribuindo para construção de um espaço de contradiscurso e resistência, construindo quilombos dentro da literatura.

Sabemos que as mulheres negras foram educadas a servir e reforçar o modelo da mãe preta, as tarefas domésticas sempre vieram em primeiro lugar, durante a infância não havia tempo nem espaço para o pensar intelectual, pois ele exige tempo e espaço. Àquelas a quem foi ensinado a valorizar o trabalho braçal, pensar pode se tornar um peso e uma atividade frustrante. Assim, estereótipos sexistas e racistas conduzem a consciência coletiva a ver a mulher negra em aspectos de sujeição e objetificação sexual, representações que marcam a vida de muitas mulheres desde a infância.

Conforme a pensadora afro-americana Kimberlé Crenshaw (2002), “a interseccionalidade é um conceito e uma abordagem metodológica que possibilita aos sujeitos analisarem as várias realidades existentes entre os grupos sociais historicamente excluídos” (p.90). O que se pode afirmar é que existem diferenças entre como uma mulher negra vai experienciar o processo de escrita e como uma mulher branca vai passar pelo mesmo processo, como existe uma distinção entre as duas experiências no quesito relação de gênero.

Esses grupos excluídos encontram-se nessa encruzilhada interseccional entre raça, gênero e classe. Para Stuart Hall (2003) “a categoria de raça é uma construção política e social”, “uma categoria discursiva em torno da qual se organiza um sistema de poder



socioeconômico, de exploração e exclusão” e fundamentada por discursos biológicos, políticos e literários. Quando uma mulher negra não consegue ser vista como intelectual por pertencer a uma raça que não tem ramificação histórica dentro do cânone, não consegue ser vista como intelectual por ser mulher e não tem um reconhecimento e incentivo na escrita, porque para escrever precisa de tempo e os lugares guardados a elas são nas periferias, cozinhas, serviços domésticos que as afastam cada vez mais da intelectualidade. Essas mulheres são pertencentes a esta encruzilhada, que não as coloca mais apenas em uma linha de prejuízos, mas sim várias, não sabendo qual se sobrepõe a outra e, por conseguinte, não conseguindo sair.

Um dado importante que reforça o distanciamento da mulher negra na escrita foi apresentado na tese de doutorado de Fernanda Miranda, o quadro traz um mapeamento com datas de romances escritos por mulheres negras e serve como base para pensar essa evolução lenta e embrionária. Refletir sobre os processos de subjetivação que a escritora negra enfrenta, são dados catalogados em sua tese. A autora traz uma construção de linha do tempo sobre a escrita de mulheres negras, faz uma análise de estudos comparados visando contribuir com estudos sobre a autoria negra no Brasil. Embora as análises possuam um arcabouço temporal de três séculos, continua latente a ideia de silenciamento da voz da mulher negra. A autora denomina o quadro abaixo como, Mapeamento Cronológico Preliminar de Romances Brasileiros de Autoria Negra.



Figura 1 Mapeamento Cronológico

| AUTOR/A                             | TÍTULO  | ANO  |
|-------------------------------------|---|------|
| Antônio Gonçalves Teixeira de Sousa | <i>O filho do pescador</i>  | 1843 |
| Antônio Gonçalves Teixeira de Sousa | <i>A Providência</i>  | 1854 |
| Antônio Gonçalves Teixeira de Sousa | <i>As Fatalidades de Dois Jovens: Recordação dos Tempos Coloniais</i> | 1856 |
| Antônio Gonçalves Teixeira de Sousa | <i>Maria ou A Menina Roubada</i>                                      | 1859 |
| Maria Firmina dos Reis              | <i>Úrsula</i>   | 1859 |
| Machado de Assis                    | <i>Ressurreição</i>   | 1872 |
| Machado de Assis                    | <i>A mão e a luva</i>   | 1874 |
| Machado de Assis                    | <i>Helena</i>   | 1876 |
| José do Patrocínio                  | <i>Mota Coqueiro ou A pena de Morte</i>                               | 1877 |
| Machado de Assis                    | <i>Iaiá Garcia</i>  | 1878 |
| José do Patrocínio                  | <i>Os retirantes</i>  | 1879 |
| Machado de Assis                    | <i>Memórias Póstumas de Brás Cubas</i>                                | 1881 |
| José do Patrocínio                  | <i>Pedro Espanhol</i>   | 1884 |
| Machado de Assis                    | <i>Iaiá Garcia</i>  | 1878 |
| José do Patrocínio                  | <i>Os retirantes</i>  | 1879 |
| Machado de Assis                    | <i>Memórias Póstumas de Brás Cubas</i>                                | 1881 |
| José do Patrocínio                  | <i>Pedro Espanhol</i>   | 1884 |
| Machado de Assis                    | <i>Quincas Borba</i>  | 1891 |
| Machado de Assis                    | <i>Dom Casmurro</i>   | 1899 |
| Machado de Assis                    | <i>Esaú Jacó</i>  | 1904 |
| Machado de Assis                    | <i>Memorial de Aires</i>  | 1908 |
| Lima Barreto                        | <i>Recordações do escrivo Isaiás Caminha</i>                          | 1909 |
| Lima Barreto                        | <i>Triste fim de Policarpo Quaresma</i>                               | 1915 |
| Lima Barreto                        | <i>Numa e Ninfa</i>   | 1915 |
| Nascimento Moraes                   | <i>Vencidos e degenerados</i>   | 1915 |
| Arlindo Veiga dos Santos            | <i>As filhas da cabana (ou No fundo dos portões)</i>                  | 1921 |
| Lima Barreto                        | <i>Os bruzundungas</i>  | 1922 |
| Arlindo Veiga dos Santos            | <i>As filhas da cabana (ou No fundo dos portões) parte II</i>         | 1923 |
| Raimundo de Souza Dantas            | <i>Sete palmas de terra</i>   | 1944 |
| Ruth Guimarães                      | <i>Água funda</i>   | 1946 |
| Lima Barreto                        | <i>Clara dos Anjos</i>  | 1948 |
| Raimundo de Souza Dantas            | <i>Solidão nos campos</i>   | 1949 |
| Romeu Crusoé                        | <i>A maldição de Canaan</i>   | 1951 |
| Carolina Maria de Jesus             | <i>Pedaços de fome</i>  | 1963 |
| Anajá Caetano                       | <i>Negra Efigênia, paixão do senhor branco</i>                        | 1966 |
| Aline França                        | <i>Negão Dony</i>   | 1978 |
| Aline França                        | <i>A mulher de Aleduma</i>  | 1981 |
| Marilene Felinto                    | <i>As mulheres de Tijucopapo</i>                                      | 1982 |
| Carolina Maria De Jesus             | <i>Diário de Bitita</i>   | 1986 |
| Márcio Barbosa                      | <i>Paixões crioulas</i>   | 1987 |



|                           |   |      |
|---------------------------|---|------|
| Conceição Evaristo        | <i>Becos da memória</i>                                     | 2006 |
| Martinho da Vila          | <i>Os lusófonos</i>   | 2006 |
| Ana Paula Maia            | <i>A Guerra dos Bastardos</i>                               | 2007 |
| Ana Paula Maia            | <i>Entre rinhas de porcos e cachorros abatidos</i>          | 2009 |
| Ana Paula Maia            | <i>O trabalho sujo dos outros</i>                           | 2009 |
| Martinho da Vila          | <i>Serra do Rola Moça</i>                                   | 2009 |
| Nei Lopes                 | <i>Mandingas da mulata velha na cidade nova</i>             | 2009 |
| Ademiro Alves (Sacolinha) | <i>Estação Terminal</i>                                     | 2010 |
| Joel Rufino Dos Santos    | <i>Bichos da terra tão pequenos</i>                         | 2010 |
| Nei Lopes                 | <i>Oiobomé</i>  | 2010 |
| Ana Paula Maia            | <i>Carvão Animal</i>  | 2011 |
| Oswaldo Faustino          | <i>A legião negra</i>                                       | 2011 |
| Joel Rufino dos Santos    | <i>Claros sussurros de celestes ventos</i>                  | 2012 |
| José Endoença Martins     | <i>Legbas, Exus e jararacumbah blues</i>                    | 2012 |
| Nei Lopes                 | <i>Esta árvore dourada que supomos</i>                      | 2012 |
| Nei Lopes                 | <i>A lua triste descamba</i>                                | 2012 |
| Paulo Lins                | <i>Desde que o samba é samba</i>                            | 2012 |
| Vanessa da Mata           | <i>A filha das flores</i>                                   | 2013 |
| Ana Paula Maia            | <i>De Gados e Homens</i>                                    | 2013 |
| Jeferson Tenório          | <i>O Beijo na parede</i>                                    | 2013 |
| Elisa Lucinda             | <i>Fernando Pessoa: o cavaleiro de nada</i>                 | 2014 |
| Fábio Kabral              | <i>Ritos de passagem</i>                                    | 2014 |
| Eustáquio José Rodrigues  | <i>Além das águas de cor</i>                                | 2014 |
| Miriam Alves              | <i>Bará, na trilha do vento</i>                             | 2015 |
| Nei Lopes                 | <i>Rio Negro, 50</i>  | 2015 |
| Oswaldo Faustino          | <i>A luz de Luiz: por uma terra sem reis e sem escravos</i> | 2015 |
| José Endoença Martins     | <i>O dom de Casmurro</i>                                    | 2016 |
| Eliana Alves Cruz         | <i>Água de Barrela</i>                                      | 2016 |
| Ana Paula Maia            | <i>Assim na terra como embaixo da terra</i>                 | 2017 |
| Lu Ain-Zaila              | <i>(In)Verdades – Ela está predestinada a mudar tudo</i>    | 2017 |
| Lu Ain-Zaila              | <i>(R)Evolução – Eu e a verdade somos ponto final</i>       | 2017 |
| Fábio Kabral              | <i>O caçador cibernético da rua treze</i>                   | 2017 |
| Ana Paula Maia            | <i>Enterre Seus Mortos</i>                                  | 2018 |
| Eliana Alves Cruz         | <i>O crime do cais do Valongo</i>                           | 2018 |
| Jeferson Tenório          | <i>Estela sem Deus</i>                                      | 2018 |
| Conceição Evaristo        | <i>Histórias para adormecer menino grande</i>               | 2019 |
| Elisa Lucinda             | <i>O livro do avesso, o pensamento de Edite</i>             | 2019 |

Fonte: Fernanda Miranda (2019).

Notoriamente, não é um caso de condições intelectuais para a escrita de romance que se apresenta acima, mas sim uma comprovação que para escrever ficção uma mulher negra precisa ter condições sociais que garantam sua integridade. Justamente por compreender estas condições é que a escrita delas se torna símbolo de resistência e importante construção de um território de poder, um território de saberes negros, escrito por mulheres negras, agentes de sua própria história.

O número de escritoras negras que escreveram e escrevem romances é pequeno, no entanto, ele se torna grande exatamente por ferir o estereótipo daquela mulher negra construída pelo colonialismo que a desumaniza; aquela que é quente, a lasciva, a que só serve para sexo e não se apresenta à família, aquela pertencente ao grupo mais estuprado



no Brasil, já que essas construções sobre seus corpos servem para justificar a violência que sofrem. Fere a escrita da branquitude, porque rompe com um território e marca uma nova fronteira dentro da literatura, marca um espaço de cisão, rompimento e recomeço da história do povo negro agora, não sem tempo, visto e contado pelos seus próprios olhos.

### Considerações Finais

Ao longo da presente escrita, foi constituído um olhar para as mulheres negras e seu processo de escrita, que fundamentam e marcam o caminho para suas sucessoras. Neste caminho, observa-se que a construção identitária negra foi marcada negativamente pela escrita dos outros, sob a condição do ser negro, fazendo parte daquilo que se chama o *negro tema*, a escrita de mulheres negras rompe com este negro tema, e constitui o *negro vida*.

Há o tema do negro e há a vida do negro. Como tema, o negro tem sido, entre nós, objeto de escarpelação perpetrada por literatos e pelos chamados “antropólogos” e “sociólogos”. Como vida ou realidade efetiva, o negro vem assumindo o seu destino, vem se fazendo a si próprio, segundo lhe têm permitido as condições particulares da sociedade brasileira. Mas uma coisa é o negro-tema; outra coisa, o negro vida. O negro-tema é uma coisa examinada, olhada, vista, ora como ser mumificado, ora como ser curioso, ou de qualquer modo como um risco, um traço da realidade nacional que chama atenção (Ramos, 1950, p. 215 e 216).

Sabe-se que o caminho para uma desconstrução de estereótipos está no início, afinal, a ideologia da branquitude não está inerte aos movimentos de resistência, cada vez mais ele adentra e tenta desconstruir o que se mostra evidente numa perspectiva histórica, a qual é a condição do negro no Brasil, descaracterizando tantas lutas.

É indispensável, também, que cada vez mais mulheres negras ocupem o espaço na literatura brasileira, Conceição, Djamila, Lélia, Carolina, Maria Firmina, Marilene Felinto e tantas outras que tomamos conhecimento recentemente, são as que conhecemos, no entanto, não é possível mensurar a quantidade de mulheres negras negligenciadas na história. Quantas histórias, quantas escrevivências a serem contadas foram silenciadas pela escravidão? E se hoje temos escritoras marcando resistência, sem dúvida elas encorajam cada vez mais mulheres/meninas negras a aventurarem-se no universo da escrita.



## Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2013.

BOTELHO, Isaura. **Dimensões da cultura e políticas públicas**. São Paulo em Perspectiva, São Paulo, v. 15, n. 2, 2001. Disponível em: Acesso em: 02/04/2006.

CAPUANO, Mariângela. M. F.. **A literatura afro-brasileira na sala de aula**. [XI Congresso Internacional da ABRALIC Tessituras, Interações, Convergências]. USP. (2008JULHO). Disponível: <[https://abralic.org.br/eventos/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/009/MARIANGELA\\_CAPUANO.pdf](https://abralic.org.br/eventos/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/009/MARIANGELA_CAPUANO.pdf)><[https://abralic.org.br/eventos/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/009/MARIANGELA\\_CAPUANO.pdf](https://abralic.org.br/eventos/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/009/MARIANGELA_CAPUANO.pdf)> Acesso: 02 junho 2021.

COSTA, Dione. Rosilda., & BEZERRA, R. A. (2012). **A Literatura Afro-Brasileira em sala de aula. São Paulo, 2014**.

DALCASTAGNE, Regina. **Imagens da mulher na narrativa brasileira**. O eixo e a roda, v. 15, 2007.

**Diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, Brasília: UNESCO no Brasil, 2003. Disponível: <<http://www.gelne.com.br/arquivos/anais/gelne-2012/arquivos/%C3%A1reas%20tem%C3%A1ticas/Ensino%20de%20literatura/Dione%20e%20Rosilda%20-%20A%20LITERATURA%20AFRO-BRASILEIRA.pdf>> Acesso: 02 junho 2021.

DUARTE, E. A. **Por um conceito de literatura afro-brasileira**. Rassegna iberistica, [S.l.], v. 37, n. 102, p. 259-279, dez. 2014. Disponível em: [http://157.138.8.12/jspui/bitstream/11707/5547/1/RI\\_102\\_007\\_AssisDuarte.pdf](http://157.138.8.12/jspui/bitstream/11707/5547/1/RI_102_007_AssisDuarte.pdf). Acesso em: 11 fev. 2021.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: Edufba, 2008.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: Edufba, 2008.

GONZALEZ, Lélia. **Racism and its effects in Brazilian society**. In: WOMEN'S CONFERENCE OF HUMAN RIGHTS AND MISSION, Veneza, 24-30 jun. 1979. (Mimeo.).

GONZALEZ, Lélia. **The Unified Black Movement**. SYMPOSIUM ON RACE AND CLASS IN BRAZIL: NEW ISSUES AND APPROACHES, Center for Afro-American Studies, UCLA, Los Angeles, 28 fev.-1 mar. 1980. (Mimeo.).

GONZALEZ, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. 1984. Disponível: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4584956/mod\\_resource/content/1/06%20-%20GONZALES%2C%20L%2C%A9lia%20-%20Racismo\\_e\\_Sexismo\\_na\\_Cultura\\_Brasileira%20%281%29.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4584956/mod_resource/content/1/06%20-%20GONZALES%2C%20L%2C%A9lia%20-%20Racismo_e_Sexismo_na_Cultura_Brasileira%20%281%29.pdf)> . Acesso em 20/03/2020.

GUERREIRO, R. Alberto. **O negro no Brasil e um exame de consciência**. In Nascimento, Abdias et al. **Relações de raça no Brasil**. Rio de Janeiro, Quilombo.1950.

HALL, Stuart. **A identidade Cultural na Pós-Modernidade**. 10ª ed. São Paulo: DP&A, 2005.



HOOKS, Bell. **Intelectuais Negras**. Estudos feministas, 2º semestre-1995.

JESUS, M. S. **A construção da identidade da criança negra na educação infantil através da ludicidade**. *Seminário Gepráxis*, 7(7), 200-210. Disponível em : <http://anais.uesb.br/index.php/semgepraxis/article/view/8156/7824#:~:text=Dentro%20deste%20contexto%2C%20a%20constru%C3%A7%C3%A3o,como%20objeto%20de%20diversas%20pesquisas.&text=Com%20o%20racismo%20foi%20poss%C3%ADvel,inferioridade%20relacionado%20as%20out> >. Acesso em: 11 jun 2021.

MIRANDA, Fernanda Rodrigues . **Corpo de romances de autoras negras brasileiras (1859-2006):** posse da história e colonialidade nacional confrontada. São Paulo, 2019.

MOTT, Luiz R.B. **Piauí colonial: população, economia e sociedade**. Teresina: Projeto Petrônio Portela, Governo do Estado do Piauí, 1985, p. 105)

KHÉDE, Sônia. S. (1990). **Os personagens dos contos tradicionais**. Ática.

PÁDUA, G. L.D. (2009). **A Epistemologia Genética de Jean Piaget**. *Revista FACEVV*, nº2, p.22-35. Disponível em: [https://www.academia.edu/download/56150698/A-EPISTEMOLOGIA-GENETICA\\_imprimir.pdf](https://www.academia.edu/download/56150698/A-EPISTEMOLOGIA-GENETICA_imprimir.pdf)>. Acesso em: 10 de junho 2021.

RAMOS, Alberto Guerreiro. **O negro no Brasil e um exame de consciência**. In: Nascimento, Abdias et al. *Relações de raça no Brasil*. Rio de Janeiro: Quilombo, 1950.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. 1º ed. São Paulo: Companhia das letras, 2019.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SANTOS, M. M. (2013). **A Cultura e a Literatura Afro-brasileira em sala de aula**. *Revista Magistro*, 8(2), 80-87. Online. Disponível em: <http://publicacoes.unigranrio.edu.br/index.php/magistro/article/download/2160/1002>> Acesso em: 10 jun. 2021.

Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. (Ed.). (2012). **História e Cultura Afro-Brasileira e indígena**. GDF.

SILVA, J. P. d., FERREIRA, R. V. J., & Faria, J. d. S. (2011). **A construção da identidade da criança negra: a literatura afro como possibilidade reflexiva**. *CES Revista*, 25, 283-296. Disponível em: <https://seer.cesjf.br/index.php/cesRevista/article/view/655> > . Acesso em: 10 jun. 2021.

SOUZA, F., & LIMA, M. N. **Literatura Afro-brasileira**. 2006 Centro de estudos Afro-Orientais

